

PRO DIA NASCER FELIZ!

Eu só quero é ser feliz,
andar tranquilamente
na favela onde eu nasci
Cidinho e Doca, Rap da Felicidade, 1994

Não sei por que eu tô tão feliz
não há motivo algum pra ter tanta felicidade
não sei o que que foi que eu fiz
se eu fui perdendo o senso de realidade
(Luiz Tatit, Felicidade, 1997)

Em suas contradições, a felicidade é relacionada tanto ao fato de “estar vivo”, à vida em sua integralidade, como a momentos da vida, destacados por ações ou acontecimentos. Na discursividade do capitalismo neoliberal, a felicidade tem sido significada como uma meta de vida a ser alcançada individualmente e as ações para esse fim podem estar ligadas de diferentes modos ao capital, como, por exemplo, a práticas de consumo: duas das maiores lojas de departamento do Brasil trazem em suas propagandas o enunciado-slogan “vem ser feliz”¹. As perguntas que somos levados a fazer são atravessadas por incômodos: então a felicidade é poder comprar? O quanto nos preenche essa “felicidade” de consumo? E o quanto dura? Por outro lado, quem não pode comprar nem o que de fato precisaria ter para suas condições básicas de existência não é feliz, mas será que o caminho para essa “felicidade” de consumo é realmente individual ou se torna uma questão social mais ampla nas repúblicas democráticas de Direito? Quem sabe a felicidade não estaria ligada a sociedades mais igualitárias nos direitos e à valorização de liberdades de escolha para além do consumo? Quem sabe a felicidade não é uma questão social, que deve estar ligada a políticas públicas? A primeira epígrafe acima nos leva nessa direção.

As duas epígrafes trazem recortes de canções do final do século XX. Na primeira, o recorte de *Rap da Felicidade*, de Cidinho e Doca, escancara os efeitos da desigualdade socioeconômica, que envolvem segurança e bem-estar social, sobre a possibilidade de ser feliz: “eu só quero é ser feliz, andar tranquilamente na favela onde eu nasci”. Na segunda epígrafe, o recorte de *Felicidade*, de Luiz Tatit, aponta a instabilidade do sentimento de

¹ Ver, por exemplo, para o Magazine Luiza, <https://www.facebook.com/magazineluiza1047/videos/vem-ser-feliz-vem/194380495636560/>; ou, para as Casas Bahia, <https://www.youtube.com/watch?v=itRxW5PWG8A>; consultas em 07/06/2025.

felicidade e questiona seu sentimento máximo como uma ilusão possível: será que quem diz “tô tão feliz” pode ter perdido o senso de realidade?

Presente nas diversas práticas capitalistas, como as de compra e venda, de emprego e trabalho, o tema da felicidade está presente também em outras práticas, como a arte, que ilustramos brevemente com as canções que trouxemos como epígrafe, ou como objeto de reflexão na história do pensamento e da ciência em diferentes domínios, como a filosofia, a religião, a psicologia... Neste século XXI, foi legitimada até mesmo uma “ciência da felicidade”, que partiu da prestigiada Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. O curso de extensão online de Harvard, “Gerenciando a felicidade”, destaca na página inicial: “A felicidade está sob seu controle. Escreva seu próprio final”, o que significa, desde o título do curso, o “gerenciamento” da felicidade pelo indivíduo².

Por outro lado, como política pública, em 1972, o rei do Butão criou para o seu país o indicador “Felicidade Interna Bruta” (FIB)³; em 2012, a Organização das Nações Unidas (ONU) incluiu esse indicador em suas propostas de políticas globais; na reunião que teve como tema “Felicidade e bem-estar: definindo um novo paradigma econômico”, além da inclusão do FIB, se instituiu o “Dia Internacional da Felicidade”, celebrado em 20 de março. A felicidade é, então, no Butão e na ONU, significada como meta a ser atingida socialmente, para o quê devem intervir políticas públicas⁴. Nessa direção, o tema da reunião da ONU relaciona a felicidade a um novo “paradigma econômico” que produziria um bem-estar social.

E quem sabe esses indícios de que a felicidade não é algo simples, unívoco, eterno, que não pode ser reduzido ao individualismo nos leve a um olhar sobre a necessidade de estar ativos na construção da possibilidade social de vidas que se conectem umas com as outras na luta contra a (re)produção da desigualdade e da inferiorização do outro e por alguma liberdade para além do consumo. Quem sabe assim ressignificaremos a felicidade como um bem a ser buscado coletivamente e sejamos realmente mais felizes na vida em sociedade.

² O curso online da Universidade de Harvard está em: <https://www.harvardonline.harvard.edu/course/managing-happiness>. E já encontramos esta “ciência” no Brasil. Ver, por exemplo, <https://inscricoes.unicesumar.edu.br/curso/ciencia-da-felicidade>; consultas em 07/03/2025. Ver também, produzido no Brasil, o “Dicionário incompleto da felicidade”, de 2018.

³ Sobre o FIB, ver <https://budismopetropolis.wordpress.com/2015/07/22/felicidade-interna-bruta/>; consulta em 07/03/2025.

⁴ Sobre as políticas da ONU, ver, por exemplo, <https://brasil.un.org/pt-br/62024-no-dia-internacional-da-felicidade-onu-pede-indicadores-de-desenvolvimento-mais-abrangentes>; consulta em 07/03/2025.

Para refletir sobre a polissemia de *felicidade*, o grupo de pesquisa ‘Linguagem, Enunciação, Discurso’ (LED - Unicamp-CNPq) percorreu diferentes lugares de enunciação. Sustentados no diálogo construído no Brasil entre a Semântica da Enunciação e a Análise de Discurso de filiação materialista, os textos dos participantes do LED aqui publicados refletem sobre o funcionamento do conflito político na divisão de sentidos de *felicidade*. Contamos também, neste número da *Ecos*, com reflexões prestigiosas de colegas de universidades brasileiras e argentinas que, como nós, se dedicaram a pensar em efeitos de sentido da palavra *felicidade* (ou *felicidad*).

O artigo de Julia Zullo, *Entrená tu felicidad. Acerca del modelo de lectora de Cosmopolitan argentina. Un acercamiento desde los textos y las prácticas discursivas*, que abre este número, tem como objeto de análise a felicidade – e as instruções para atingi-la – proposta por uma revista feminina ocidental – a *Cosmopolitan* – em sua versão argentina na primeira década do século XXI. Dizeres da revista responsabilizam insistentemente a mulher, individualmente, pela sua felicidade. Este texto de Julia Zullo, para a publicação brasileira, quinze anos depois da publicação original na Argentina, recebeu um epílogo que aponta diferenças e avanços ao longo do tempo nos modos de a mulher e a sociedade significarem o gênero feminino, graças a lutas e conquistas feministas.

A “receita da felicidade”: um estudo enunciativo da significação de felicidade em textos de sites de entretenimento, analisa outras instruções para ser feliz, não mais direcionadas às mulheres, mas ao humano em geral, em sites de notícias tais como UOL, CNN e BBC News Brasil. Carolina de Paula Machado e Soeli Maria Schreiber da Silva nos mostram que mais uma vez a felicidade é significada como uma meta de responsabilidade individual.

Em “10 hábitos para ser uma mãe feliz”: estudo enunciativo de “felicidade” na maternidade, Marcelle Bittencourt Xavier e Maria Ribamar Lopes dos Santos Andrade refletem sobre a construção histórica do papel da mulher como a responsável pela felicidade da família. Elas analisam sentidos de *felicidade* em recortes da matéria “10 hábitos para ser uma mãe feliz”, publicada pelo jornal digital *Gazeta do Povo*. Instruções universalizadas e individuais são indicadas para a mulher-mãe, que deve ser feliz e fazer o outro feliz.

Outras instruções para a felicidade, dessa vez na educação oficial, são objeto de análise do artigo “Ser feliz na escola”: análise semântico-enunciativa da palavra *felicidade*. Rosa dos Santos Silva e Joilton Garcia do Amaral analisam como a palavra *felicidade* significa no texto intitulado “Ser feliz na escola” da revista digital “Veja São

Paulo”, que produz sentidos para o papel e a função da escola na construção da felicidade das crianças.

A felicidade na educação oficial é também objeto de análise em **É possível evitar o sofrimento? A felicidade e o “projeto de vida”**. Gabriel Elias da Silva Pereira investiga como se dá o vínculo entre educação e felicidade no “projeto de vida” do Novo Ensino Médio, proposto como método que possibilitaria ao estudante evitar o sofrimento e construir, como “projeto de vida”, sua felicidade.

Em **El sentimiento de la igualdad: la construcción de identidades en los discursos institucionales del Programa Conectar Igualdad**, Maite Martínez Romagosa reflete sobre as maneiras de ser e de estar na escola propostas pelo Programa *Conectar Igualdad* (PCI), uma política pública na Argentina cujo objetivo foi a democratização do acesso às tecnologias digitais, tendo como lugar primeiro de realização o ensino público. A felicidade também é aí um valor a ser construído.

Sentidos de felicidade em cartas de Joel Rufino para seu filho, de Carlos Alberto Silva da Silva e Florisbete de Jesus Silva, apresenta uma análise dos sentidos de *felicidade* na obra “Quando eu voltei, tive uma surpresa” (2000) de Joel Rufino dos Santos, que traz o sujeito negro, sua história, cultura, tradições, como protagonistas de uma narrativa literária que atravessa a história política do Brasil.

Em **“Não tem ninguém em paz”: da felicidade e de seus contrários**, Isadora Machado e Enzo Pizzimenti, numa interseção entre Semântica da Enunciação, Filosofia e Psicanálise, investigam em diferentes materiais de análise, que incluem documentos oficiais da área da saúde mental e relatos de casos clínicos, sentidos de *felicidade* produzidos em relações de sinonímia e de antonímia para esta palavra, a partir do quê mostram o surpreendente funcionamento antonímico entre *alegria* e *felicidade*.

Em **O “pleno” e o “quase” da felicidade**, Sheila Elias de Oliveira analisa a designação de *felicidade* na canção *Ismália*, de Emicida. A análise reflete sobre as “Ismálias” da canção, que representam a coletividade dos sujeitos negros, oprimidos pelo capitalismo neoliberal atravessado pelo racismo estrutural. As “Ismálias” vivem em condições sociais que possibilitam apenas para os sujeitos brancos a “felicidade plena”.

Em **Felicidade como objeto paradoxal: lugar de dominação e resistência**, Helton Menezio Urtado Rocha traz uma análise dos sentidos estabelecidos na relação entre *felicidade* e a expressão *psicologia ambiental*. A análise mostra que *felicidade* funciona,

neste material, como um objeto paradoxal, um lugar de dominação e de resistência dos sujeitos em relação aos discursos dominantes.

“Os paradoxos da felicidade”: sentidos de felicidade no Governo Bolsonaro, de Lorena Ferreira Mafra Arcuri, Camila Vieira dos Santos e Adilson Ventura da Silva, analisa significações atribuídas à palavra *felicidade* em dizeres do ex-presidente Jair Bolsonaro, que durante sua campanha e exercício eleitoral, fez promessas de regenerar o país através de um governo honesto, associando implícita e explicitamente esse compromisso à promoção da felicidade coletiva. No entanto, episódios de corrupção durante a sua gestão apontam para um campo de disputas na produção de sentidos de *felicidade*.

“Vamos a disfrutar”: representaciones sociales sobre las prácticas ciudadanas en el discurso institucional del Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires, de Gilda Lucia Zukerfeld, traz a análise de duas campanhas publicitárias governamentais da cidade de Buenos Aires: “Vamos Buenos Aires” e “Disfrutemos BA”, a fim de investigar a relação entre os sentidos de *aproveitar* (“disfrutar”) a cidade e dos modos de ser e estar no espaço público, o que inclui, nessas campanhas, uma sugestão de busca pela felicidade.

Esperamos que este número da *Ecos* traga para a reflexão e para o debate social a contradição nos sentidos de *felicidade* em circulação nos dias de hoje. Além disso, que nos ajude a pensar e a colocar em prática intervenções sociais para, legitimamente, produzir condições de bem-estar, sem que a felicidade seja uma obrigação individual, mas sim um horizonte em que o dia possa nascer feliz para todos nós, cidadãos e cidadãs de nossos países.

Sheila Elias de Oliveira

Renata Ortiz Brandão